

Por DANIELA GARCIA

Fragmentos

I

E no instante
desfiz a dúvida
Daquilo que possa
me ocultar
E onde me revelo
encontrei.
Tudo.
Tudo aquilo que desejoso
Fiquei,
De esconder.

II

No peito do Artista
Batem.
Rebatem.
Pulsam.
Dois corações, dois deuses.
E neste meio compasso
Explode em dúvidas
O universo claro.

III

Eu quis
Descer
Pelo corrimão.
Pra quê? - me disse
A vida escorrega
Mesmo é pela escada

Orelha de cão

Nietzsche pulou de mim esta manhã dizendo:
- É preciso o Caos para gerar uma estrela dançante.

Sim. Sim.
Constato. E pensando na curva da mesa,
equilíbrio meu cotovelo
para bem olhar-te.

Caos... Estrela dançante...
Me embolam a mente.
Enquanto, em vão, tento não me distrair
com as orelhas e o rabo do meu cachorro.

Deus, Deus? Inventou os cachorros especialmente
para a contenção do Caos.
Assim posso, seguramente deixar Nietzsche embaralhar-se
em mim...
Ou eu nele?
Assim posso distrair-me e não me destruir em pensamentos.
Posso parecer Humana assim.
Sem maiores confrontos com os outros de mim.
Eu una.
Eles tantos!

Sim. Definitivamente.

A orelha de um cão é o dissipar do Caos.

Adorare

Olhar-te é esquecer de mim.
E embebida no receio de perder-me,
não te olho.
Se já me perco pelas sobrancelhas grossas...
Que direi se me petrificar o olhar,
com o seu...
Caminho de silenciosas palavras
que se banham pela luz.

Como direi ao meu peito
Cerra-te! Cala-te!
Se aqui se fez uma febre, um torpor.

Lembro-me de mim e sufoco.
Saio a correr pela chuva,
e meus ossos passam a doer,
mais.

A dor é nítida onde tudo é macio.

Calcifico.
O que de músculo é feito.